

ARQUITETURA E RESISTÊNCIA

CENTRO SOCIOAMBIENTAL EM FLECHEIRAS - CEARÁ



MARCOS ANTÔNIO DE CASTRO ROCHA
ORIENTADORA: PROF. DRA. CRISTINA PERISSINOTTO BARON

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

CENTRO SOCIOAMBIENTAL EM FLECHEIRAS - CE

MARCOS ANTÔNIO DE CASTRO ROCHA
ORIENTADORA: PROF. DRA. CRISTINA PERISSINOTTO BARON

TRABALHO APRESENTADO À DISCIPLINA TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II DA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNESP.

PRESIDENTE PRUDENTE
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família pelo apoio. Em especial a minha mãe, Maria, pilar fundamental na minha construção e na minha formação, sem ela a trajetória até aqui seria impossível.

A todos que fizeram parte dessa caminhada ao meu lado, aos professores dos primeiros passos das escolas onde estudei. As pessoas mais que amigas que encontrei nas Universidades Brasil afora. Em especial a Karol e a Natana, na Uece, por me mostrarem novos mundos nos primeiros tempos de vida acadêmica.

Aos professores da Universidade Estadual de São Paulo, de diversas formações, sociólogos, geógrafos, engenheiros, economistas e arquitetos, por compartilharem seus conhecimentos e suas vivências durante minha vida acadêmica. Em especial a minha orientadora arquiteta e urbanista, Cristina Baron.

A Maria e ao Bruno, meus amigos e inseparáveis parceiros de projeto, pelas risadas nas inúmeras noites viradas e por desbravarem junto comigo esse mundo lindo e louco que é a arquitetura.

Aos amigos com quem morei e dividi os momentos nessa empreitada longe de casa na vida universitária. Marcelo, Marcela e Débora, da engenharia ambiental e da geografia, por vivenciarem ao meu lado experiências incríveis e inesquecíveis para além dos muros da Universidade.

Aos colegas professores e as centenas de alunos que tive no cursinho popular da universidade ao longo desses últimos quatro anos, por me mostrarem o poder de mudança que a educação tem.

As inúmeras pessoas maravilhosas que conheci no Estado de São Paulo ao longo de todos esses anos, por contribuírem para a construção do ser humano que sou hoje, o meu muito obrigado. São Paulo hoje também é o meu Estado.

RESUMO

Entre as mais belas praias do estado do Ceará está a desconhecida Flecheiras. Com suas paisagens de dunas e coqueirais, surge em meio a uma enseada com formato de meia lua, dando a impressão de que ali a terra abraça o mar.

Distrito pertencente ao município de Trairi e localizada a 124 Km da capital do estado, Fortaleza, Flecheiras é terra de gente simples. O vai e vem das marés garante o sustento da população em meio ao cenário nordestino.

Nas últimas décadas, a exploração do turismo e o avanço de novos setores econômicos na região ameaçaram fortemente as bases socioculturais do local, findando costumes e modos de vida.

Na lógica desse processo, as práticas populares precisam ser reconhecidas e reafirmadas, possibilitando a existência de uma realidade de vida de maior qualidade, baseada na cultura do povo e diferente da situação precária vivida pela população da vila pesqueira pelo avanço de políticas e medidas que por vezes marcham na contramão dos interesses da comunidade.

Este trabalho se constitui na tentativa de possibilitar um resgate do modo de vida simples de um povo que vê sua identidade em risco por meio de uma proposta projetual de um centro socioambiental para a comunidade. Um espaço criativo e sustentável específico para Flecheiras, que possa dar margem para o debate e que funcione como um local que possibilite por em pauta a emancipação e o desenvolvimento da comunidade frente aos processos econômicos hoje inerentes, buscando estabelecer diálogos e perspectivas entre a vida local simples e os avanços do mundo moderno.

Palavras chave: Comunidade; Centro Socioambiental; Flecheiras; Desenvolvimento.

ÍNDICE

Introdução	11
Capítulo I: O vai e vem das marés	13
Capítulo II: A lógica do erro	31
Capítulo III: O Social é o centro	45
Referências	70

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o contexto histórico da praia de Flecheiras-CE a partir da lógica de seu desenvolvimento econômico e cultural ao longo das últimas décadas. Procurando estabelecer um diálogo entre a situação dos espaços da comunidade frente aos avanços ocasionados pelo turismo em massa na região.

Na medida em que os padrões da modernidade valorizam os espaços de fluxo de capital, as cidades são constituídas cada vez menos de espaços públicos de qualidade, que valorizem a vivência e a socialização (LANDIM, 2004). Diante dessa realidade, a formulação de espaços que possibilitem a vivência cultural, fomentem o debate e tornem possível a qualidade de vida em comunidade é o principal objetivo deste trabalho.

Para tanto, foi realizada uma abordagem histórica da ocupação e do desenvolvimento de Flecheiras, compreendendo sua trajetória inicialmente ligada a ocupação da região do município a qual pertence, Trairi. É a partir desse resgate (capítulo I) que se faz possível entender a própria dinâmica da comunidade.

O turismo, um dos principais impulsionadores das mudanças urbanas no século XX e a lógica de seu processo é analisado no capítulo II, onde são apresentadas as leituras urbanas, buscando compreender a ocupação e a dinâmica territorial de Flecheiras, e, posteriormente, pautando as diretrizes gerais necessárias para a realização de uma intervenção projetual.

A proposta projetual de um centro socioambiental em Flecheiras (capítulo III) é antecipada pela apresentação do projeto de referência; A casa do Artista, no Senegal, da arquiteta nova iorquina Toshiko Mori, ainda no mesmo capítulo, reforçando os conceitos de sustentabilidade e a importância do diálogo com a comunidade e seu entorno frente a realização de projetos arquitetônicos contemporâneos.



Estando a 124 km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, a cidade de Trairi é responsável por um dos principais fluxos turísticos do estado. As águas claras e mornas dos seus 37 km de costa litorânea recebem turistas de todo o mundo durante todo o ano.

A praia de Flecheiras, situada a 12 km da sede do município, atualmente é tida como um distrito de Trairi, sendo uma das quatro principais praias da região e um dos destinos mais procurados para quem busca tranquilidade, simplicidade e interação com a natureza (Figura 1, 2, 3 e 4).

Figura 1: Mapa do Brasil com destaque o estado do Ce



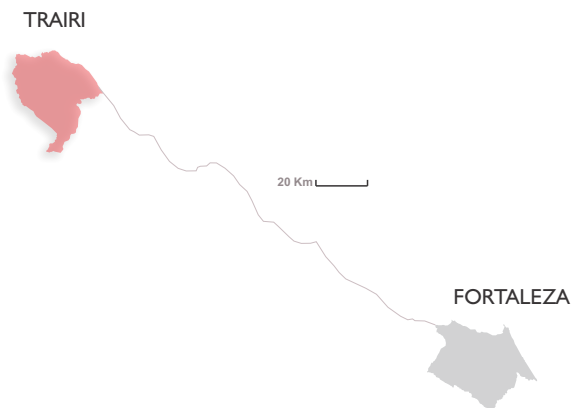
Fonte: Google Earth 2015, adaptado pelo autor (2016)

Figura 2: Município de Trairi, em destaque, Flecheiras



Fonte: Google Earth 2015, adaptado pelo autor (2016)

Figura 3: Distância entre Fortaleza e Flecheiras



Fonte: Google Earth 2015, adaptado pelo autor (2016)

Figura 4: Mapa da distância entre Flecheiras e a sede do município



Fonte: Google Earth 2015, adaptado pelo autor (2016)

Figura 5: Vista aerea de Flecheiras



Fonte: TV Ceará (2015)

Flecheiras é uma composição de belas paisagens de dunas e coqueirais diante de uma imensidão azul. Situa-se em uma enseada com formato de meia lua, dando a impressão de que ali a terra abraça o mar. É constituída por praias arenosas, lagoas costeiras, campos de dunas móveis, coqueirais, pequenos manguezais, planícies fluviais e recifes costeiros.

Os recifes se estendem ao longo da linha da costa. Assemelhando-se a uma verdadeira "floresta" marinha pela quantidade e diversidade de fauna e de flora que são constituídos. Neles, são encontrados diversos organismos, desde lagostas, peixes e polvos até caranguejos e camarões. (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p10-11).

Mas a história da povoação de Flecheiras ainda hoje se confunde com a sabedoria e a cultura popular. A história que circula na fala dos mais antigos moradores é o de que uma embarcação portuguesa, trazendo nobres e refugiados, havia quase naufragado próximo à costa do litoral cearense, fazendo com que muitos daqueles que estavam na embarcação atracassem de vez por essas terras, estabelecendo-se na praia e com o passar dos anos constituindo famílias.

Foram estes, que segundo os mais antigos, incumbiram-se de trazer a primeira imagem de uma santa da igreja católica para a região, tornando Nossa Senhora do Livramento símbolo de devoção entre as pessoas e padroeira do local. Segundo a história, foi a Santa quem intercedeu para que o navio não viesse a naufragar em mar aberto.

Todavia, a troca cultural entre nativos, estrangeiros e aqueles que moravam nas redondezas perdurou por todo o século XIX, e é ao seu final que Flecheiras vai se consolidando de fato como uma vila marítima pesqueira. (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p12)

O vai e vem das marés trouxe comida e credo. Assim, enquanto a vila crescia, as manifestações do povo afloravam. Entre o candomblé e o cristianismo, foram-se traçando as festividades e celebrações, aumentando-se os causos e criando-se as lendas. Assim foi construída a primeira igreja, dedicada ao apóstolo pescador, São Pedro (Figura 7)

Figura 7: Igreja de São Pedro



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

De Portugal, veio a literatura de cordel, as serestas e as serenatas, típicas no local. O divertimento a noite era oferecido pelos seresteiros, considerados figuras ilustres. Vieram também o reisado, a renda e os engenhos de rapadura, presentes até hoje. Dos índios, as primeiras lendas e as técnicas de pesca, o gosto pela tapioca e o plantio da mandioca. Dos africanos, as crenças e festejos, a dança de coco e também a alimentação. O atrito entre indivíduos tão diferentes em um mesmo lugar, gerou em Flecheiras uma cultura diversificada e curiosa. Uma simples caminhada por entre as ruas da vila e é possível notar a forte mistura cultural geradora dos saberes populares.

Figura 8: Reisado em Trairi



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Figura 9: Festividade em Trairi



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Figura 10: Mulheres rendeiras



Fonte: Acervo pessoal (2016)

A presença do mar foi ao longo do tempo garantindo uma dinâmica diferenciada no modo de vida da comunidade, demarcando progressivamente uma influência nos costumes da população.

As crianças são ensinadas desde cedo a respeitar e a aprender com o mar. Para além do divertimento diário, ajudam nas atividades que envolvem a pesca e o artesanato, na construção das jangadas e de outros equipamentos. Também recolhem os mariscos e as lagostas nos currais artesanais e ajudam a puxar as redes repletas de peixes. De fato, para elas, tudo isso nem sequer leva o nome de trabalho, fazendo parte das brincadeiras do dia-a-dia, entre um mergulho e outro.

Quanto a mulher, sua força na comunidade sempre foi notável, passando por todas as instâncias relacionadas ao trabalho, do mais leve ao mais pesado. Contribui na pesca e na fabricação de equipamentos relacionados a esta. Realiza o trabalho diário em casa, e ademais exerce papel fundamental

no artesanato. Desde aquele que se utiliza da matéria prima oferecida pelos recifes costeiros, característica física da praia de Flecheiras, até outros cujo a técnica é passada de geração em geração, como é o caso da renda de bilro.

Aos homens, o trabalho bruto e o dia-a-dia no mar, além das decisões sobre o futuro da família, revelando as características patriarcais da vila. Geralmente cooperam entre si, trabalhando em pequenos grupos de pesca, passando as noites em alto mar em busca de peixes para alimentação e venda.

Figura 11: Pintura, Crianças puxando rede de pesca



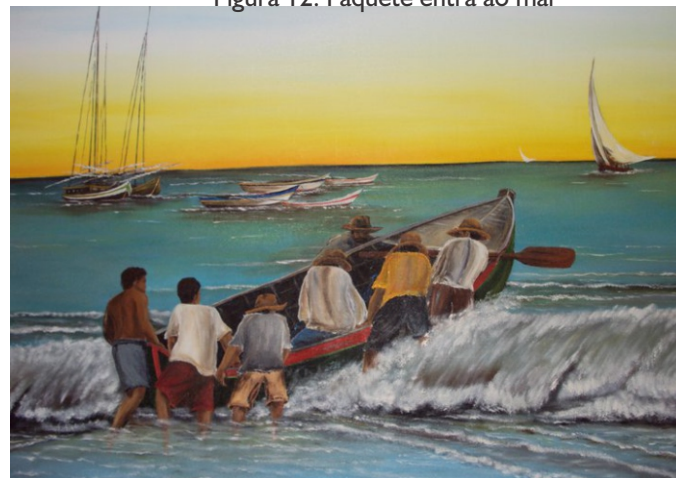
Fonte: Acervo pessoal, fotografia do quadro de Silvio Ribeiro (2016)

Figura 13: Pintura, pescadores



Fonte: Acervo pessoal, fotografia do quadro de Silvio Ribeiro (2016)

Figura 12: Pacote entra ao mar



Fonte: Acervo pessoal, fotografia do quadro de Silvio Ribeiro (2016)

Figura 14: Competição de velocidade, pacotes



Fonte: Acervo pessoal, fotografia do quadro de Silvio Ribeiro (2016)

O século XX foi marcado por uma série de acontecimentos relevantes. Em 22 de novembro de 1951, em cumprimento à lei Estadual nº 1153, o até então distrito de Trairi é elevado a categoria de Município. Porém, a plena independência política e administrativa de Trairi em relação ao município vizinho, hoje com o nome de São Gonçalo do Amarante, só foi conquistada em 1954, quando realizadas as primeiras eleições para os cargos legislativos e executivos. (RAMOS, 2014, p 94)

O começo da década de 70 foi marcado pela vinda de missionários jesuítas espanhóis para a região. Estes, ao mesmo tempo que contribuíam para a disseminação do catolicismo, almejaram uma melhor condição de vida para a população. Assim, fundaram comunidades eclesiais de base, estabeleceram práticas religiosas e impulsionaram o crescimento das comunidades através da ampliação das relações políticas municipais internas e externas.

Sobretudo, o que mais cativou os estrangeiros foi o modo de vida simples e a felicidade do povo. Nas quatro principais praias; Guajiru, Flecheiras, Emboaca e Mundaú, a paisagem cativou tanto os forasteiros que manteve alguns até hoje. Por todo o período que lá passaram, viram as comunidades crescerem e tirar seu sustento do mar.

No caso de Flecheiras, os recifes costeiros são fundamentais para a sobrevivência da vila. Para além de serem espaços especiais de lazer (o banho nas piscinas naturais que ali se formam com a maré baixa), são os lugares onde se pescam peixes e outros pequenos animais marinhos, ademais desenvolvem-se outras atividades extrativistas fundamentais para a garantia da segurança e soberania alimentar de grande parte da população. Os recifes ainda desempenham importantes funções ambientais, especialmente como área de reprodução, alimentação e crescimento para diversas espécies. Tudo isso é possível porque também abrigam bancos de algas, que favorecem a existência de áreas formadas por várias espécies que interagem entre si (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p 11).

Figura 15: Pesca nos recifes costeiros



Fonte: Instituto Terramar (2015)

Por mais de três décadas o banco de algas foi explorado através da catação manual, realizada por habitantes da comunidade e estimulada pelo comércio. Este último, atuou também como forte estimulador da pesca, possibilitando a inserção de vários pescadores no mercado local.

Figura 16: Recifes costeiros em Flecheiras



Fonte: Águeda Coelho (2010)

Porém, com o tempo, a possibilidade comercial trouxe consigo a pesca predatória, extremamente agressiva para o ecossistema existente. Segundo os pecadores(as), várias foram as formas predatórias frequentemente utilizadas nos últimos anos, resultando cada vez mais numa má conservação dos recifes e numa produção pesqueira menor. (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p30)

Além da pesca de característica predatória, desde o final da década de 60, emergem em Flecheiras novos fazeres e novas sociabilidades ligadas a incorporação da atividade turística. A comunidade é uma das que sofreram grande impacto com a implementação das políticas do programa de desenvolvimento do turismo no Nordeste, o Prodetur, assumindo planos vinculados e direcionados prioritariamente ao turismo de massa e aos investimentos estrangeiros.

Para a população nativa, o advento do turismo nas últimas décadas trouxe vários impactos. A natureza da paisagem foi sendo transformada pela especulação imobiliária e pela construção desordenada das casas de veraneio, pousadas, bares e restaurantes.

Ao visitar Flecheiras, é possível perceber que são mantidas características de uma comunidade marítima tradicional ao mesmo tempo que novos hábitos e costumes construídos na relação com o turismo e grupos de veranistas que visitam a comunidade são gerados. Esses novos valores sociais, não raro, conflitam com o modo de vida local. As embarcações de pesca, chamadas popularmente de paquetes, disputam espaço com as barracas e as casas. Os locais costumeiramente utilizados para a pesca de água rasa passaram a ser disputados com os veranistas e praticantes de esportes marítimos, como o kitesurf. Isso acabou por gerar uma divergência de interesses quanto a forma de ocupação das áreas a beira-mar. (INSTITUTO TERRAMAR, 2009, p13)

Figura 17: Rua no centro da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Figura 18: Comunidade de Flecheiras



Fonte: Desenho de Rogéria de Oliveira Rodrigues, 2013
adaptado pelo autor (2016)

Figura 19: Casas típicas de Flecheiras 2



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Foto 20: Hotel de alto padrão



Fonte: Acervo pessoal , (2015)

Foto 21: Pousada em Flecheiras



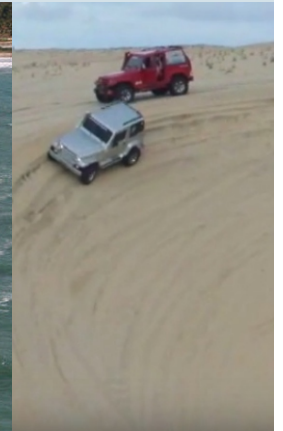
Fonte: Acervo pessoal (2016).

Foto 22: Kitesurf



Fonte: Condomínio
Flecheiras Jardins

Foto 23: Carros sobre as dunas



Fonte: Acervo pessoal (2016).

Essa divergência é hoje uma realidade de Flecheiras que impõe uma série de desafios para a comunidade. A situação cria um contexto bem específico referente aos reais interesses e demandas das pessoas que vivem ali. A autodeterminação da comunidade se torna, diante do que ocorre, ainda mais necessária na busca por defesa e gestão de seu território, na afirmação de modos de vida local e na construção da sustentabilidade ambiental, econômica e social. (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p78)

Contudo, em contrapartida a lógica de crescimento socioeconômico adotado pelo impulsionamento do turismo, no final da década de 90, a partir de trabalhos realizados pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em conjunto com os nativos de flecheiras, viu-se nos bancos de algas uma nova modalidade para gerar renda às famílias e ao mesmo tempo assegurar a preservação do meio ambiente.

O projeto era o de trabalhar com a comunidade frente as funções ambientais que a sociedade podia exercer. Por meio de ações de educação ambiental, engajamento da população e utilizando-se de conceitos referentes a autonomia dos sujeitos, esperava-se alcançar a promoção, conservação e recuperação dos recifes costeiros marinhos, com enfoque no banco natural de algas, na perspectiva de proteger sua biodiversidade, contribuindo para a sustentabilidade da comunidade e para a melhoria da qualidade de vida da população local. (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p44)

Para tanto foi fundada uma associação com o objetivo de unir o cultivo e a comercialização das algas com a preservação do meio ambiente. Ao todo 11 famílias chegaram a fazer parte do projeto, fortalecendo tradições e construindo autonomia e autodeterminação.

Figura 24: Família participante da associação



Fonte: Acervo S.O.S. Algas, 2013

Figura 25: Coleta nos bancos de algas



Fonte: Acervo S.O.S. Algas, 2013

Figura 26: Secagem



Fonte: Acervo S.O.S. Algas, 2013

No entanto, o turismo mercadológico predominou como principal fonte rentável imediata, fazendo com que as iniciativas sustentáveis fossem perdendo forças e ficando em segundo plano, enfraquecendo o projeto da Universidade junto aos moradores.

Com os avanços dos empreendimentos turísticos e a crescente urbanização, Flecheiras vem passando por profundas transformações socioespaciais. Tanto no que se refere ao espaço geológico, com a construção desenfreada de edificações e a instalação de empresas eólicas sobre as dunas, entre outros, como no que diz respeito ao modo de vida de sua população e suas formas de interação e luta pelo território. (INSTITUTO TERRAMAR, 2009, p14)

Hoje, o maior desafio encontrado pela comunidade é o de firmar a preocupação e o compromisso com a preservação de suas origens, de sua trajetória social e cultural. Este desafio implica na construção e no reconhecimento de relações sociais entre os próprios membros da comunidade e destes com a natureza.

Figura 27: Jovem mostra resultado do dia de pesca para sua avó



Fonte: Acervo pessoal (2016)



A natureza, fonte de sobrevivência para o homem e depositária de carga simbólica, desde sempre precisou ser minimamente controlada a fim de que as sociedades humanas atingissem certo grau de estabilidade. Porém, as mudanças no modo de produção dos séculos XX e XXI levaram o homem a modificar fortemente o meio natural. Os processos de intervenção e renovação da humanidade pautados em um modelo econômico selvagem acabaram tornando incertas suas possibilidades de sobrevivência.

É fato que os paradigmas da vida econômica das últimas décadas deixaram consequências sociais desastrosas. A sociedade de mercado, proposta pelos economistas e imposta pela mídia, contribuiu fortemente para a extinção de práticas populares e de modos de vida que já não condiziam com as condições pós-modernas. (SANTOS, 2003, p160)

A partir de uma escala ampla de análise, o processo de globalização, característico do mundo moderno, pode ser nesse caso entendido como agente fomentador da perda de valores sociais de um espaço. Ao longo do tempo, costumes regionais vão tendendo a assumir padrões culturais externos, influenciados pela cultura global. (SANTOS, 2003, p 40-41)

Para além das metrópoles e dos grandes centros financeiros, nos lugares onde os avanços do meio técnico-científico não atingiram uma alçada significativa é possível observar a presença desse fenômeno de maneira mais impactante. Vemos constantemente conflitos internos de origem social gerados a partir de interesses de mercado, priorizando estratégias que não necessariamente correspondem às realidades vigentes.

Com o município de Trairi não aconteceu de outra forma. De fato, o século XX é marcado pelo início de políticas públicas que tentam inserir a cidade em um cenário comercial de larga escala. Criando incentivos para o desenvolvimento a partir das potencialidades locais e atrelando-os a modelos econômicos liberais. Dentro dessa lógica, o turismo acabou por ser encarado como maior potencial de geração de emprego e renda para a localidade.

É importante ressaltar que a questão da turistificação, processo onde comunidades locais acabam por abandonar seus costumes ou os recriam em prol do que pode ser atrativo ou não do ponto de vista do turismo mercadológico, dos lugares litorâneos foi induzida pelo planejamento turístico governamental e que para tanto, foi importantíssima a construção de um imaginário social do Ceará pela força do marketing. A representação imagética do sol e das temperaturas elevadas como problemas que atingiam a região Nordeste foi substituída rapidamente. Assim, o sol passou a ser associado ao lazer, a festa e a beleza das paisagens litorâneas, numa ressignificação do drama da própria seca, que não deixa de continuar a existir, mesmo no litoral. (DANTAS et al., 2005, p23)

Ao introduzir fortemente a propagação da atividade turística nessas pequenas localidades, percebe-se a fomentação de uma relação de dependência com essa única alternativa econômica. Dependência essa que ganhou força ao longo do tempo e que fez com que o desenvolvimento local se tornasse comprometido. (BENEVIDES, 2003, p47)

No caso da vila de Flecheiras, o advento do turismo fez com que a pesca rompesse com o caráter de subsistência e passasse a ser de característica majoritariamente comercial, sendo atrelada ao consumo turístico. Instalaram-se pousadas à beira-mar para suprir as necessidades da procura por hospedagem e criaram-se infra-estruturas que incentivaram a prática de esportes conhecidos internacionalmente.

Em decorrência disso, nos últimos anos, uma parcela da população acabou por trabalhar no setor turístico ou com atividades comerciais relacionadas e influenciadas por ele. A cultura da pesca para subsistência foi sendo deixada em segundo plano pelas novas gerações que buscavam se inserir no mercado de trabalho de outra forma.

Porém, a maioria das atividades ligadas ao turismo oscilava constantemente quanto a intensidade e ao faturamento ao longo do ano, dependendo de férias de verão, temporadas ou grandes feriados. Isso fez com que os pequenos empreendedores nativos viessem a perceber a inviabilidade de seus negócios locais em função da demanda gerada pelos turistas, forçando-os a fecha-los.

Figura 28: Especulação em Flecheiras



Figura 29: Empreendimento turístico



Figura 30: Empreendimento turístico



Fonte: Condomínio Ecoresidence 2012
Adaptado pelo autor (2016)

Fonte: Condomínio Ecoresidence (2012)

Fonte: Condomínio Ecoresidence (2012)

Assim, a maior parte da renda obtida através do turismo acabou por não se destinar às famílias da comunidade, concentrando-se nas mãos de grandes investidores nacionais e internacionais, capazes de manter seus grandes empreendimentos turísticos, apesar de certas dificuldades. (Figuras 28,29 e 30)

Aqueles que inicialmente possuíam capital para investir no turismo conseguiram gerar renda. No entanto, grande parte da população da comunidade de Flecheiras viu-se numa situação sem muitas expectativas. Assim, restava procurar outros meios de sobrevivência. Em suma, para as pessoas da comunidade que buscavam uma fonte de renda, que em sua maioria já não possuíam as habilidades da pesca, perdidas através das gerações, e que não conseguiam emprego na vila também através do turismo, restava migrar para os grandes centros urbanos, provocando a desvinculação com suas raízes. (LIMA, 2003, p60)

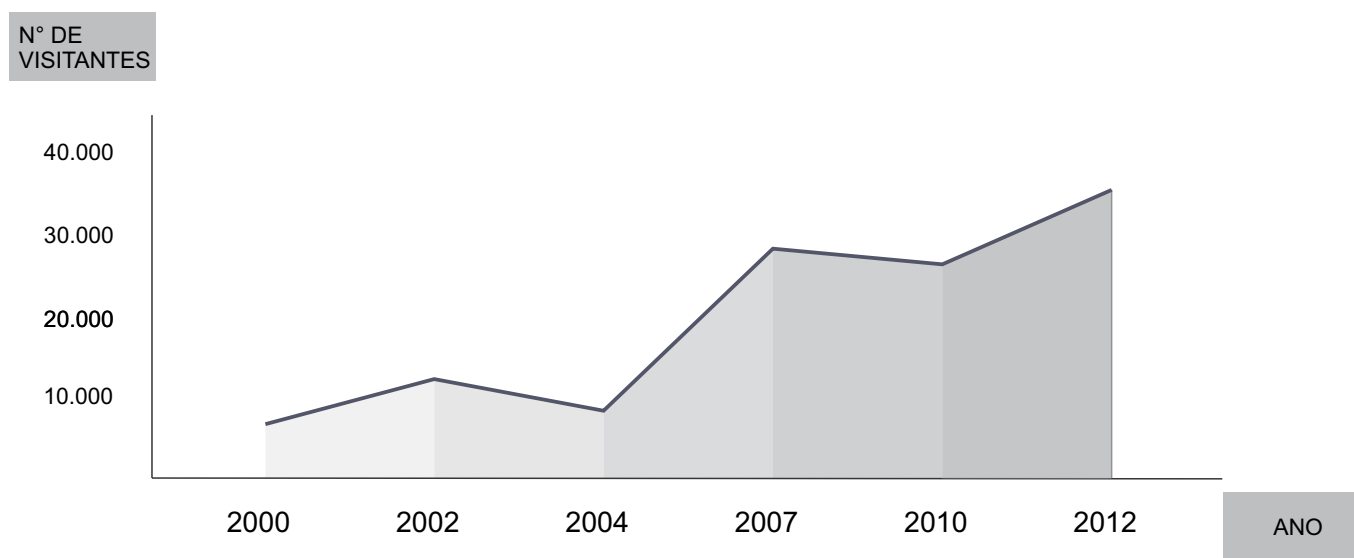
A introdução do fetiche pelas grandes cidades juntamente com uma realidade econômica não muito favorável arranca o estímulo por manter a cultura e as fontes de renda local. Entregando-se às metrópoles, as novas gerações, em busca de oportunidades de emprego e renda, contribuem para a consolidação do processo de extinção das práticas locais. (SANTOS, 2003, p40)

Nas visitas realizadas à comunidade no decorrer da elaboração do trabalho, foi possível notar a opinião generalizada dos pequenos núcleos familiares, que enxergam a ida para a capital do estado, Fortaleza, como forte avanço, como garantia de sustento e de retorno financeiro a curto ou a longo prazo. Assim diz uma moradora e marisqueira de Flecheiras:

Tenho dois filhos homens, um de 24 e outro de 26 anos. O mais novo mudou-se para Fortaleza, coisa boa, emprego certo. O outro ainda pesca, diz que vai seguir os caminhos do pai. Não sei ao certo onde isso vai dar. (Dona Iolanda, 66 anos)

Apesar de muitos indivíduos terem migrado para os grandes centros urbanos do país, a mão de obra do setor turístico não foi prejudicada e continuou a ser uma alternativa para quem ali ainda permanecia. Os investimentos realizados movimentaram ao longo dos últimos anos grande parte da economia local. No gráfico, é possível notar o crescimento do número de frequentadores do município.

Figura 31: Crescimento do número de turistas em Trairi



Fonte: SETUR/CE, Indicadores turísticos de 2005, 2012, 2007 e 2013.
Adaptado pelo autor, 2016

Apesar disso, o tipo de desenvolvimento gerado na região a partir da atividade turística tende a remar na contramão de um desenvolvimento social efetivo, que possa permitir a emancipação econômica e social das famílias da comunidade.

É inegável que a presença do turismo modificou o modo de vida dos nativos e suas relações com os recursos naturais. A pesca (de rede e em jangadas), a coleta de mariscos e a produção de mercadorias a partir das algas... As atividades que antes eram intrinsecamente importantes para o sustento das famílias foram perdendo sua relevância, chegando muitas vezes a estabelecer uma relação de dependência única com as necessidades das grandes pousadas e casas de veraneio.

É importante ressaltar que o que ocorre hoje em Flecheiras não é algo novo no estado do Ceará. Em praias como Jericoacara e Canoa quebrada, conhecidas internacionalmente, a descaracterização cultural alterou profundamente a vida, os costumes, as relações sociais e os valores de seus moradores. De modo que não se pode mais considerá-las comunidades pesqueiras ou tradicionais, pois essa vinculação com o passado foi rompida e destruída (LIMA 2003).

Para Santos (2003) o século XX foi sendo pautado através de relações político-econômicas com tendências cada vez mais direcionadas ao modo de vida do capital. A empreitada das pequenas cidades por adentrar de fato ao mercado global fez com que modos mais sustentáveis de viver fossem deixados de lado.

A ausência de políticas sociais efetivas ligadas a permanência e a geração de renda na comunidade é um dos fatores que fez com que a população, carente de informação e conhecimento técnico, visse seus costumes esvaindo-se perante as novas realidades impostas.

Vários foram os lugares da região nordeste onde as perdas de raízes histórico culturais foram decorrentes do turismo desenfreado e das práticas político-governamentais relacionadas a ele, e que de forma alguma priorizavam a vida e os costumes da população nativa.

Foi diante dessa realidade que a Universidade Federal do Ceará em conjunto com os nativos de flecheiras, viu nos recifes costeiros presentes na região uma nova modalidade para gerar renda às famílias, além de tentar assegurar uma maneira mais efetiva de preservação do meio ambiente. O primeiro passo foi se fazer possível o crescimento da ideia na própria comunidade de uma perspectiva de mudança. Feito isso, era preciso redescobrir o próprio lugar a partir de um novo olhar sobre seus recursos naturais. Assim, a presença dos bancos de algas e dos recifes costeiros favoreceram a criação do projeto a partir de premissas do desenvolvimento sustentável.

Este tipo de desenvolvimento apega-se a um conceito elaborado para fazer referência ao meio ambiente e à conservação dos recursos naturais. Entende-se por desenvolvimento sustentável a adoção de um padrão de consumo e de aproveitamento das matérias-primas extraídas da natureza de modo a não afetar o aproveitamento futuro, aliando desenvolvimento econômico com responsabilidade ambiental. Em seu sentido mais amplo, a estratégia visa promover a harmonia entre os seres humanos e o meio natural. (HOGAN, 1995, p20)

Este novo paradigma de desenvolvimento amplia as suas interfaces de atuação para compatibilizar, pelo menos, a abrangência de três dimensões do planejamento e gestão de modelos de desenvolvimento que sempre existiram e nunca foram analisadas de forma interdependentes. O desenvolvimento é sustentável quando atinge as seguintes esferas:

Ecológica, pela conservação dos ecossistemas e pelo manejo racional do meio ambiente e recursos naturais. Econômica, promovendo atividades produtivas razoavelmente rentáveis preocupadas mais com a qualidade da vida do que com a quantidade da produção, e que tenham relativa permanência no tempo. Social: onde as atividades e o conteúdo dos processos de desenvolvimentos são compatíveis com os valores culturais e

com as expectativas das sociedades; existe uma base de consenso entre os atores sociais participantes que permite controlar as decisões e as ações que afetam seu destino. (JARA, 1998, p51).

Em Flecheiras, percebeu-se a possibilidade de atividades econômicas serem encorajadas em detrimento da base de seus recursos naturais. Desses recursos dependia não só a existência humana e a diversidade biológica, como o próprio crescimento econômico.

A ideia de realizar um projeto visando proteger e conservar os recifes costeiros de Flecheiras surgiu a partir de observações, debates e reflexões sobre as relações socioambientais presentes naquele território e que indicavam uma ameaça, cada vez mais intensa e constante, de degradação desses bens ambientais e mesmo da pesca artesanal e outras práticas tradicionais de reprodução social da comunidade. (INSTITUTO TERRAMAR, 2013, p16)

Durante cerca de uma década, o projeto Algas marinhas contou com a participação popular e da Universidade federal, para a construção de um projeto que visasse melhorar a condição de trabalho humana na localidade, estabelecendo um diálogo direto com a comunidade praiana. Em resposta dessa nova vivência, foi fundada uma associação, com o objetivo de unir o cultivo e a comercialização das algas com a preservação do meio ambiente.

A criação desse espaço foi importante para a aproximação de algumas famílias da comunidade junto ao projeto. Nos espaços de debate, replicavam-se ensinamentos e fortaleciam-se as práticas sustentáveis. Assim, os moradores foram adquirindo vivências e foram explorando mais e mais a partir do estudo de seus próprios cotidianos.

Vários que trabalhavam com a coleta da matéria prima passaram também a investir numa culinária local baseada nas algas. O que começou como uma proposta de rentabilidade passou a mudar o dia-a-dia das famílias que se envolveram ao projeto. Até mesmo as festividades da comunidade passaram a ser em torno da temática das algas.

Todavia, apesar de algas marinhas já ter gerado uma repercussão, com o passar do tempo a adesão de novos membros foi cada vez menor e aqueles que já estavam vinculados ao projeto foram desistindo de permanecer. O que começou com a participação de onze famílias, atualmente consta apenas com uma.

A cultura de mercado e a necessidade pelo retorno financeiro fizeram com que o projeto fosse perdendo força. A perspectiva de mudança apenas pela inserção de uma atividade econômica baseada em premissas sustentáveis acabou por não atingir o objetivo previamente almejado, representando uma estratégia um tanto duvidosa frente aos entraves econômicos vividos pela comunidade.

Foi possível notar, pela experiência tida Flecheiras, que ações ligadas a potencialidade econômica-ambiental desenvolvidas a partir de abordagens singulares podem vir a não ser tão efetivas quanto o esperado. Compreender a dinâmica da cultura popular e suas capacidades de relação com as mudanças do novo século são, nesse sentido, de fundamental importância.

A possibilidade da existência de bases econômicas sustentáveis resgata a discussão acerca da autonomia e da emancipação do indivíduo. Vê-se na comunidade que uma das principais dificuldades da inserção de qualquer projeto popular advém da falta de conscientização da população frente aos processos que socialmente a agridem.

Enquanto os indivíduos não se enxergam criticamente no espaço de forma coletiva, tornam-se impossibilitados de agir coletivamente para mudar suas realidades. Assim diz o filósofo francês Cornelius Castoriadis em um texto originalmente publicado por Le Monde; Da autonomia em política, o indivíduo privatizado:

Há, então, a autonomia política, e esta autonomia política supõe que os homens sejam criadores de suas próprias instituições. Isso exige que ensaiem colocar essas instituições em conhecimento de causa, lucidamente, logo, uma deliberação coletiva. Isto é o que eu chamo de autonomia coletiva, que anda de mãos dadas com a autonomia individual. (CASTORIADIS, 1987, p. 31)

Quando em sociedade, o indivíduo tem a capacidade de vivenciar a compreensão da consciência de autonomia no instante em que estiver munido dos meios que o possibilitem decidir por conta própria o seu trajeto sem se deixar escravizar. Contudo, uma sociedade não terá como encontrar meios e condições de sobreviver se não oferecer um certo tipo de organização e relacionamento entre seus membros. Para que a sociedade possa existir, são imprescindíveis as interações constantes entre os sujeitos que a formam. Sem o mínimo de organização, o homem não conseguirá ser capaz de dar vazão às suas potencialidades produtivas. (CASTORIADIS, 1987)

Na contramão da ideia, Flecheiras, que atualmente conta com uma população de aproximadamente dois mil habitantes, não possui nenhum equipamento urbano de médio ou grande porte que possa promover a interação dos sujeitos a fim de fortalecer sua cultura. Os espaços de encontro são

aqueles do dia-a-dia, que não necessariamente influenciam ou possibilitam uma vivência crítica do modo de vida dos integrantes da comunidade.

Nesse contexto, é importante deixar claro que a situação de pobreza é real para a maioria dos moradores. A precariedade do ensino público, falta de mão de obra qualificada e pouca oferta de professores, além da falta de oportunidades restringe o acesso ao conhecimento e a informação. Isso acaba por acarretar numa fragilidade da representatividade da comunidade frente a diversas decisões políticas.

O aumento da ocupação pela inserção de empreendimentos turísticos de pequeno, médio e grande porte nas últimas décadas contribui ainda mais para o crescimento dessa fragilidade, uma vez que, por diversas vezes, em regiões de lógica financeira turística na costa litorânea, os interesses do mercado imobiliário turístico prevalecem frente as demandas reais da população nativa.

Os mapas seguintes são um recorte de estudo da área central de Flecheiras. Neles é possível perceber a ocupação espontânea através do traçado mais orgânico, sem planejamento prévio, diferente de várias cidades brasileiras com traçados de características ortogonais.

Figura 32: Edificações e traçado das ruas, região central de Flecheiras



Área de intervenção



Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor



De maneira desenfreada, certos lugares vão sendo tomados pelos usos necessários à atividade turística. Essas substituições contribuem não só para uma perda de identidade, mas também acarretam impactos ambientais, quando na criação da infraestrutura para o desenvolvimento do turismo. Além do que, muitas vezes não há um manejo correto dos resíduos oriundos das visitas em massa, que também provocam o desgaste da vegetação local. (BURSZTY, BARTHOLO, DELAMARO, 2009)

É possível notar pelo mapa a quantidade de casas de veraneio e empreendimentos turísticos na linha da orla de Flecheiras. Esse tipo de uso é o que mais se concentra próximo a praia, ocupando os terrenos mais caros e, ao longo do tempo, substituindo a imagem da vila de pequenas casas pelas grandes pousadas e hotéis.

Figura 33: Mapa de uso e ocupação do solo urbano



Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor

É preciso vivenciar outra lógica para além da atividade turística e uma das saídas é a participação política e o trabalho social coletivo que deem margem para o empoderamento da comunidade e a construção de sujeitos, além do fortalecimento de sua cultura. Esta é uma modalidade que se organiza para além do capital, cuja reprodução sugere grandes desafios como a participação e o envolvimento de todos. Sobretudo, são essas vivências coletivas que podem garantir a construção de uma comunidade constituída por indivíduos críticos, capazes de mudar suas realidades.

A capacidade de atribuir a importância ao caráter sociocultural de uma comunidade muda e avança os paradigmas de desenvolvimento da mesma. Quando as atividades que geram renda e sustento são conciliáveis com os valores do grupo social, com a sua cultura, o crescimento e a preponderância pela continuação dessas atividades no próprio grupo como forma de trabalho se tornam evidentes, trazendo benefícios(SANTOS, 2003).



Para Steven Holl, renomado arquiteto norte-americano, conhecido por trabalhar por um ponto vista fenomenológico em arquitetura e urbanismo, a existência em demasia da estrutura comercial moderna contribui para enturvar a questão acerca do que de fato percebemos como essencial nos espaços que ocupamos.

Engendra o questionamento:

À medida que nossos meios tecnológicos se multiplicam, amadurecemos ou mais bem atrofiados desde um ponto de vista perceptivo? Vivemos nossas vidas em espaços construídos, rodeados de objetos físicos. No entanto, havendo nascido neste mundo de coisas, somos capazes de experimentar plenamente os fenômenos de sua inter-relação?(HOLL, 2011)

Para o arquiteto, as experiências de nossas urbanizações desenfreadas ao longo do século XX acarretaram em uma perda na capacidade de ver a necessidade de inter-relacionar elementos dentro dos nossos espaços diários de forma mais sensitiva. E caracteriza a arquitetura contemporânea como aquela capaz de resgatar reflexões pela percepção dos espaços com os quais lidamos.

É possível notar na lógica de crescimento urbano dos últimos anos de localidades onde o processo de turistificação na região nordeste do país ocorreu de forma intensa, que houve uma perda de espaços comunitários de articulação e suscitadores da cultura popular. Esta também foi uma realidade vivenciada em Flecheiras, onde a ocupação das últimas décadas não promoveu a existência de espaços públicos que pudessem contribuir para a promoção social.

O fato é que a presença desses espaços pode vir a alavancar a vivência da comunidade junto aos recursos naturais, aproximando indivíduos e meio ambiente. Dando possibilidade a existência de atividades de cunho comunitário e ao mesmo tempo contribuindo para a manutenção da cultura nativa.

É pela relevância dos temas abordados por este trabalho diretamente ligados a possibilidade de melhoria da qualidade dos espaços vivenciados em Flecheiras, que propõe-se o projeto de um Centro socioambiental para a comunidade.

A ideia constitui-se no intuito de fortalecer, resgatar e construir as práticas populares, possibilitando a existência de um espaço estimulador da cultura popular e facilitador das alternativas econômicas sustentáveis. Enriquecido pelo uso coletivo e que possa contribuir não apenas por meio das atividades realizadas, mas que também possa funcionar como um espaço de vivência crítica.

Para tanto, e procurando explorar a experiência de projetos ligados a cultura e ao desenvol-

vimento comunitário, foi realizado um estudo de caso a partir da sensibilidade espacial do Centro de Intercâmbio Cultural e Artístico da arquiteta nova-iorquina Toshiko Mori, na região de Tambacuonda, no Senegal. Esta é uma obra norteadora nas referências projetuais para o desenvolvimento do estudo para implantação do Centro Socioambiental em Flecheiras.

Também conhecido como A casa do artista, o projeto de Mori, através de sua concepção arquitetônica, teve a intenção de criar um espaço que encorajasse o diálogo e prestasse apoio à comunidade. Para isso, seus idealizadores o desenvolveram em conjunto com os moradores, entendendo suas necessidades e seus desejos, utilizando recursos, materiais e mão de obra local.

Combinada às características bastante expressivas e únicas dos senegaleses, a obra cria um espaço de interesse comum, a partir do jogo com a cobertura, permitindo diversos tipos de uso. Além de promover as mais diversas atividades culturais, seu padrão estético harmônico com o lugar onde se insere e pelo modo como foi construído, logo despertou nos moradores um sentimento de pertencimento. Esse era, segundo os integrantes do escritório, um dos principais objetivos.

Figura 34: Estudo da planta baixa e cobertura



Fonte: Archdaily, 2015. Adaptado pelo autor (2016)

Característica marcante foram os métodos construtivos sustentáveis. Foram utilizados materiais nativos, como o bambu, blocos ecológicos e fibras naturais. Também foram executados reservatórios para reutilização da água da chuva. O projeto oferece aos senegaleses novas experiências e aprendizagens, ao mesmo tempo que funciona como um espaço de empoderamento e reconhecimento.

Figura 35: Vista Interna



Fonte: Archdaily (2015)

Figura 36: Vista externa



Fonte: Archdaily (2015)

Figura 37: Processo de construção



Fonte: Archdaily (2015)

Figura 38: Processo de construção

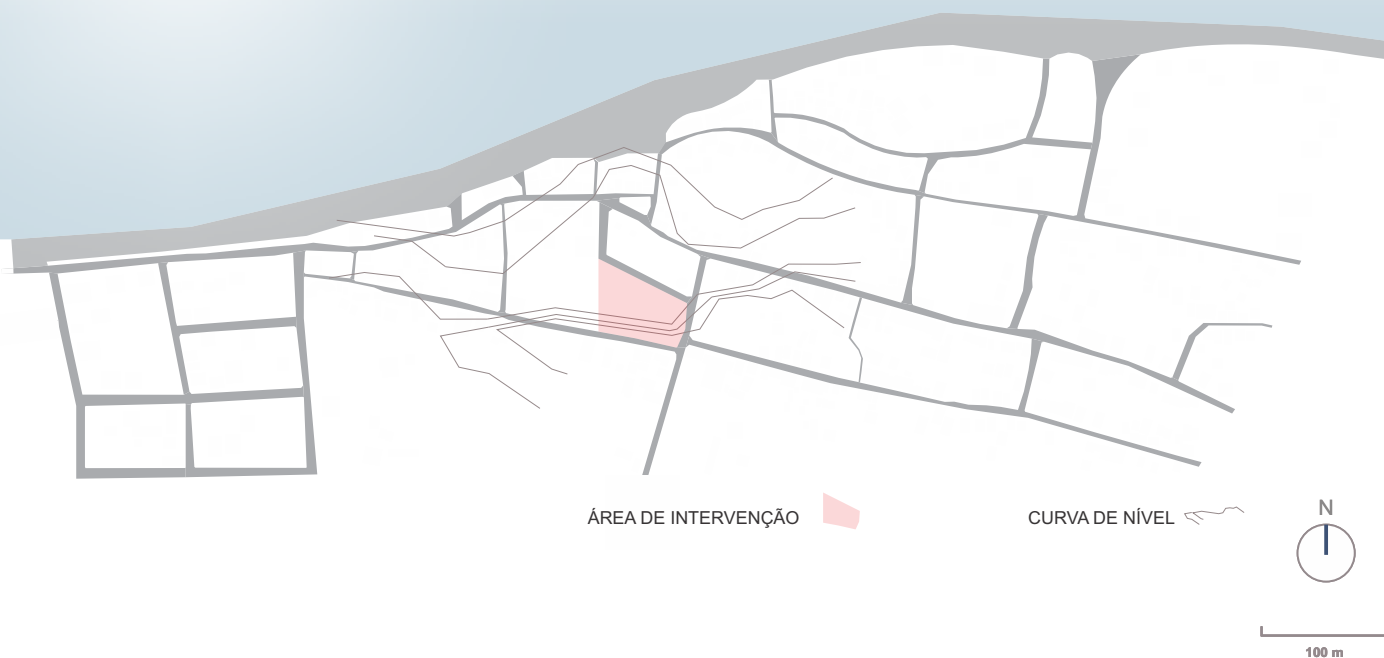


Fonte: Archdaily (2015)

Entende-se que uso do espaço de forma coletiva é um ponto norteador. A concretização da real função do espaço só se torna possível em conjunto. Assim, para a proposta em Flecheiras, a escolha da área de inserção aparece também de forma simbólica ao sentido de coletividade. Dos logradouros possíveis, foi escolhido um terreno público no centro da vila, próximo ao mar e da primeira igreja construída.

A área apesar de estar no centro da vila, provavelmente não foi ocupada ao longo dos anos por ser de uma topografia acidentada se comparada as áreas ao seu redor. Com o tempo e a não ocupação, esse espaço foi exercendo apenas papel de passagem, chegando a sofrer com o acúmulo de lixo e sujeira trazidos pelos turistas e pelos próprios moradores, que viam ali um lugar sem utilidade.

Figura 39: Figura fundo de vias e topografia do entorno à área de estudo



Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor

O local por vezes chega a assumir características de um espaço público residual, desempenhando não muito além de raramente um acesso mais rápido para outros terrenos. Porém, que por conta de sua localização, torna-se presente no imaginário de quem mora na região.

Possui, por conta de sua situação imagética, atributos para vir a ser palco de atividades de cunho social e contribuir para o fortalecimento da cultura local, ao mesmo tempo a revitalização da própria área, esquecida pelos moradores, torna-se possível.

Figura 40: Mapa de Telhados das edificações



Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor

Tendo em vista a realidade vivida pelos moradores de Flecheiras, encara-se a necessidade de ser pensado um projeto de forma simples e de uso diversificado. A inserção de um espaço que possibilite usos múltiplos, acordando com as necessidades das atividades exercidas e a manutenção das características dos padrões envoltórios são pontos imprescindíveis.

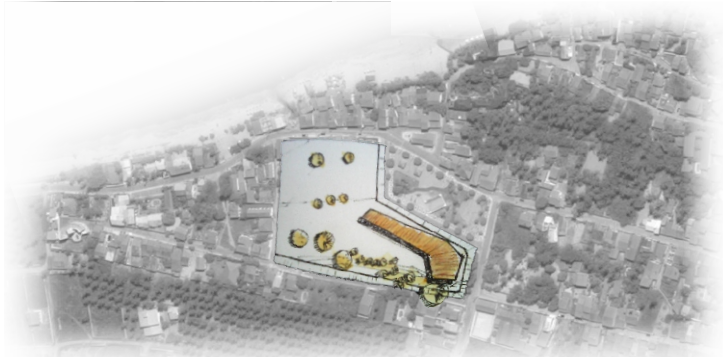
São colocados como prioridade espaços promotores de educação, cultura e lazer. Em função de atividades de aprendizado por meio de locais de leitura, vivências e práticas. Aprendizagem e desenvolvimento do artesanato local e de outros instrumentos ligados a pesca na região. O projeto do Centro tem como objetivo considerar o mundo digital e o acesso a informação por meio das novas tecnologias, garantindo à comunidade a utilização dos meios de comunicação e os novos recursos da modernidade.

O programa consiste, portanto: numa sala de aula, possibilitando a existência de um espaço onde temas como educação ambiental e diversos outros podem ser compartilhados, funcionando também como um lugar para reuniões. Uma sala de leitura com um mobiliário específico para receber livros. Uma cozinha industrial, tendo em vista a demanda da comunidade por um espaço dessa tipologia. A cozinha é de suma importância para realização de atividades e também por servir como um apoio as festividades da comunidade, como o festival das algas, celebrações religiosas e as quadrilhas de São João, cuja a tradição é ligada também as comidas típicas. Uma sala de informática, promovendo assim a inclusão digital de muitas pessoas que ainda não possuem contato com o computador. Uma secretaria para a demanda administrativa do próprio edifício, assim como um almoxarifado e banheiros, essenciais. Espaços de lazer, como uma quadra e locais sombreados de parada e vivência. Um espaço coberto para a realização de atividades junto a comunidade, além de locais específicos para plantio, como pequenas hortas.

Quanto a ocupação do terreno, a priori, a vegetação nativa que preenche toda a face sul do foi pensada em ser mantida, altos coqueiros antigos, cajueiros e algumas árvores de pequeno, médio e grande porte, situando a volumetria na face norte, de frente para a praça. A proposta é de haver uma conexão visual forte entre a praça e o edifício, buscando um espaço contínuo.

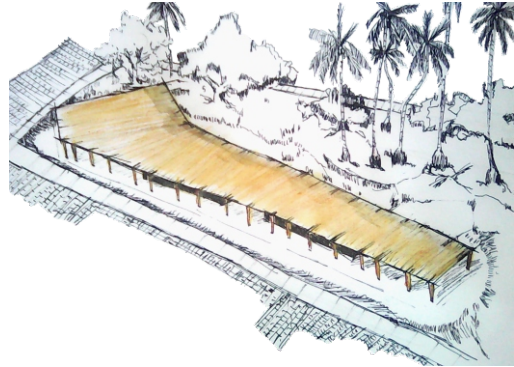
Como a área atualmente sequer é utilizada para a passagem de pedestres uma premissa foi criar uma volumetria com espaço livre coberto, além de possibilitar a parada dos usuários e uma área sombreada importante tendo em vista a baixa latitude em que o local está situado, deixaria o campo visual livre, convidando os usuários a atravessar de uma ponta a outra e fazendo com que o espaço estivesse presente no dia-a-dia de quem passa por ali. Para isso, a introdução de acessos/caminhos entre a face sul e norte.

Figura 41: Estudo de implantação



Fonte: Google Earth, 2015. Adaptado pelo Autor (2016)

Figura 43: Situação do plano de massas em visão aérea



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Figura 42: Situação do plano de massas a partir do nível da rua



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Figura 44: Situação do plano de massas em visão leste



Fonte: Acervo pessoal (2016)

A ocupação do espaço a nível projetual partiu da premissa inicial de serem pensados três setores distintos, porém conectados. O primeiro setor seria o edifício em si, localizado na parte leste do terreno. Não foi proposta uma fachada principal, mas sim uma relação da volumetria com o espaço circundante. Dessa maneira, os acessos aos ambientes do edifício são feitos de forma direta, sem a necessidade de corredores. Essa decisão foi importante para a afirmação do desejo de que o projeto pudesse ser realmente utilizado no dia-a-dia de quem passa por ali, explorando a ideia do convite à sua utilização. Esse setor concentra as atividades que necessitam de um espaço físico delimitado, como sala de informática, cozinha industrial, sala de leitura/biblioteca, secretaria, banheiros e sala de aula, além do almoxarifado. A cobertura se prolonga para que atividades variadas possam acontecer. Esse acabou por se tornar o programa para o edifício por conciliar os interesses e as necessidades da comunidade a partir das discussões colocadas pelos estudos anteriores.

O segundo setor é central a área de intervenção, contando com um espaço verde sombreado, dando a ideia de jardim e praça. A inserção de novas árvores de médio e grande porte se tornou necessária pelas temperaturas elevadas ao longo do dia e pela forte incidência solar na localidade. Nesse espaço foi introduzido dois canteiros na área sombreada, possibilitando a existência de duas hortas de uso comunitário. Um palco para apresentações diversas, como apresentações artísticas ou palestras ao ar livre também foi pensado, com o intuito de criar um espaço de permanência e de entretenimento para a comunidade. Esse setor está diretamente ligado a face oeste do edifício e seu acesso para quem chega ao lote se dá através de rampa e escadaria na face norte e por meio de caminhos criados a partir da parte sul do terreno.

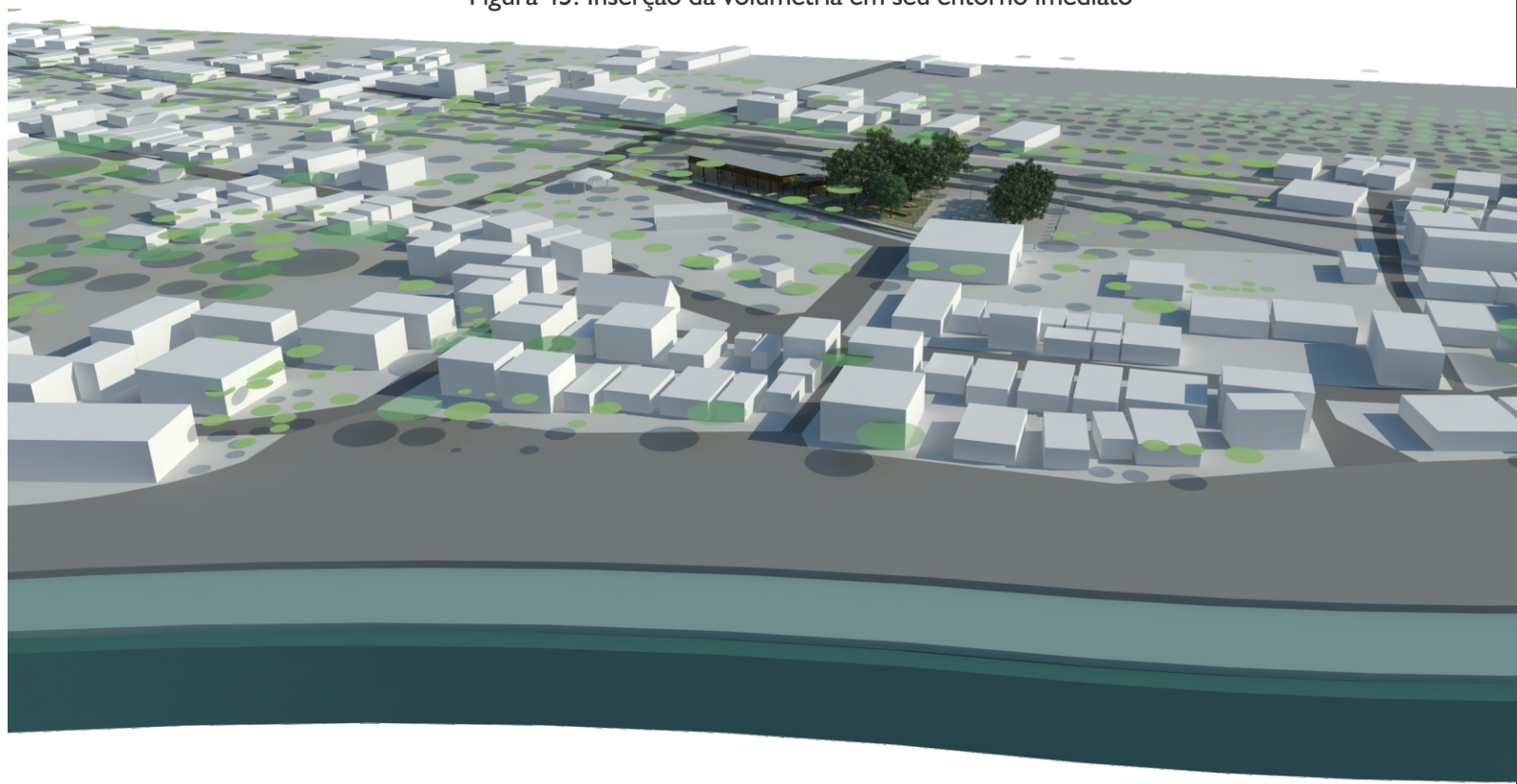
O terceiro setor é direcionado as atividades recreativas. Foi introduzida à parte oeste uma quadra para usos múltiplos. Esta seria a primeira para a localidade e sua inserção procura não só assegurar as atividades recreativas do dia-a-dia para as crianças, adolescentes e jovens, no futebol diário, mas também como um amplo espaço livre para apresentações e festividades na região, que acaba por necessitar de um local com essas características. As quadrilhas juninas, símbolo importante para a cultura da comunidade, por exemplo, precisam ser realizadas em espaços amplos, além da tradicional dança de coco e de outras celebrações religiosas. Introduzir a quadra é fundamental para possibilitar um uso contínuo e diverso do espaço projetado. Novas árvores foram pensadas ao redor da quadra, assegurando o sombreamento necessário. Sua posição norte-sul também garante um melhor conforto para o seus usuários nas horas de sol.

A planta geral ainda conta com uma cisterna para captação da água da chuva, caixa d'água e um pequeno espaço destinado a estufas no setor I, ao lado do edifício, tendo em vista que para algumas atividades de cunho ambiental ligadas aos recursos naturais da região seriam possíveis de serem realizadas. A secagem de algas marinhas, por exemplo, é realizada em estufas, daí a necessidade.

A volumetria do edifício foi pensada a partir da ideia de não ser um equipamento urbano agressivo à estética de seu entorno imediato. Levando em consideração a planta baixa, cuja as atividades anteriormente citadas para o setor I foram colocadas, foi proposta uma cobertura simples, que pudesse atender as necessidades de sombreamento para suas realizações.

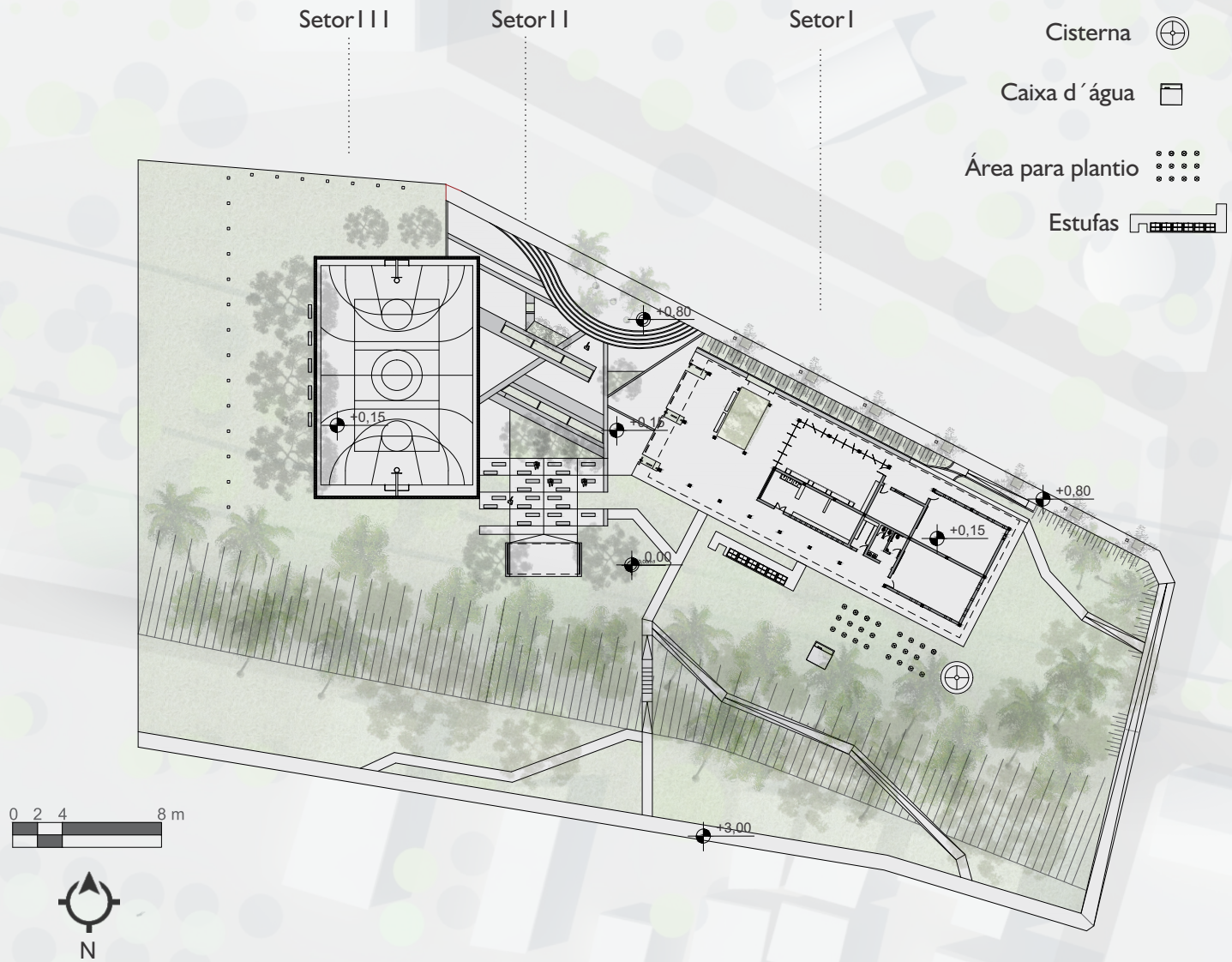
O edifício é térreo, tendo em vista que a grande maioria das edificações da localidade também são. Isso contribui para que o local seja mais convidativo e menos imponente.

Figura 45: Inserção da volumetria em seu entorno imediato



Fonte: Acervo pessoal (2016)

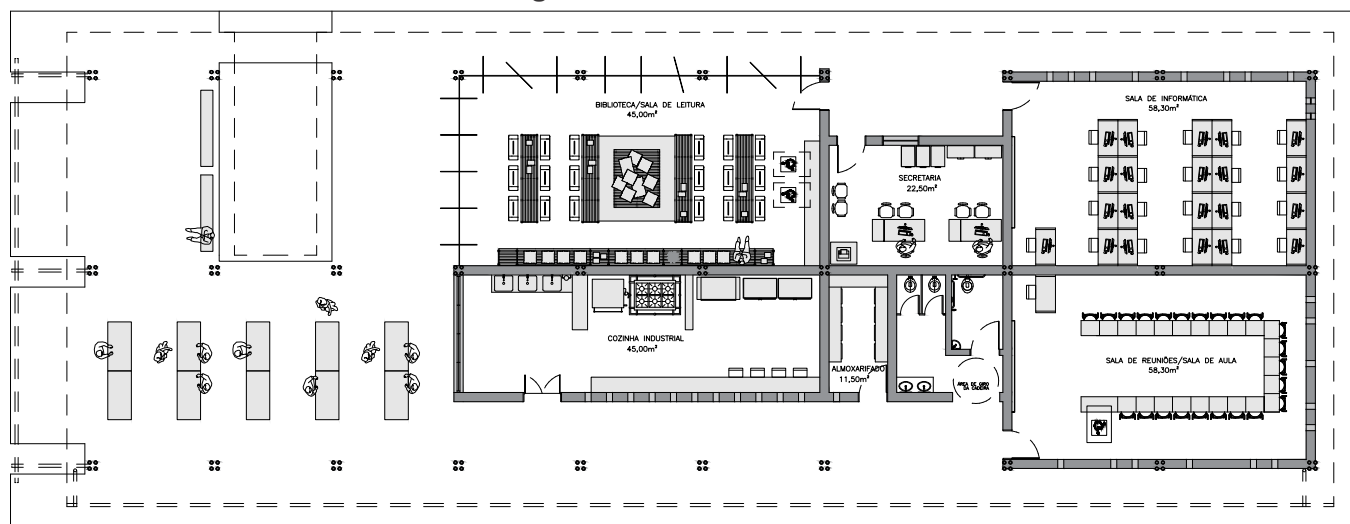
Figura 46: Planta de Situação



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Assim se configura a planta baixa do único pavimento:

Figura 47: Planta Baixa do edifício



Fonte: Acervo pessoal (2016)

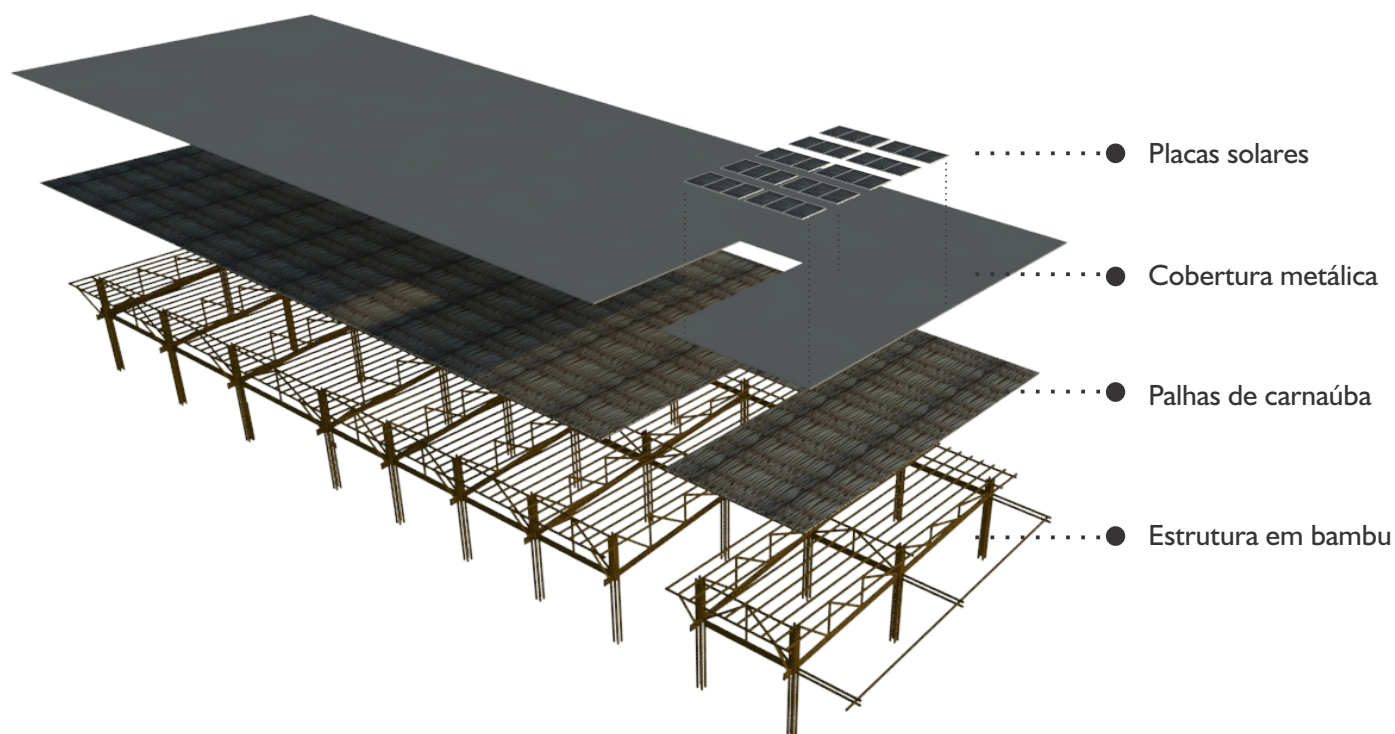
Para sua estrutura e seus fechamentos foram utilizados materiais sustentáveis. Essa foi uma escolha necessária devido a própria função de conscientização que o projeto busca exercer no cotidiano de seus usuários.

A estrutura que suporta a cobertura e contribui para a delimitação dos espaços internos e externos foi pensada em bambu, através de encaixes, treliças e amarrações. Os pilares consistem no agrupamento de quatro ou seis bambus, de acordo com seu posicionamento em planta, e perpassam vigas constituídas por conjuntos de três bambus, para por fim se encaixarem na parte superior em outros elementos como terças e vigas, também em bambus, garantindo a sustentação do telhado.

Este último é constituído de duas camadas. A superior é feita de placas metálicas, de fina espessura, parafusadas uma a outra, numa inclinação de aproximadamente 5%, possibilitando a captação da água da chuva nos dias de grande precipitação. A captação de água é de suma importância devido a pouca pluviosidade existente na região. A camada inferior é composta por uma série de fibras feitas a partir das palhas de carnaúba, árvore típica e abundante na região, posicionadas de maneira justaposta, logo abaixo das placas metálicas, assegurando um maior conforto térmico para a edificação.

A parte leste do telhado ainda conta com um grupo de placas solares. As trinta placas contribuem para o fornecimento de energia à edificação e ao seu entorno, garantindo energia também ao setor 1 e 2. O que separa as placas do restante do telhado é um pequeno rasgo, que permite que o sol adentre na área da planta baixa onde foi criado um pequeno canteiro, quebrando a dinâmica contínua da cobertura.

Figura 48: Detalhamento do edifício



Fonte: Acervo pessoal (2016)

Ainda na edificação, para as paredes, pensou-se na utilização de tijolos de adobe, buscando conforto térmico e propiciando a utilização de um bom material sustentável de baixo custo. Por conta disso, as paredes ficaram com espessura de trinta centímetros, fortalecendo a ideia de funcionar como uma boa barreira contra a incidência da radiação solar.

As aberturas nas paredes foram posicionadas de acordo com o layout e o posicionamento de cada ambiente, oferecendo a quantidade de luz necessária para a realização das atividades. Apenas na biblioteca/sala de leitura o fechamento é feito por meio de estruturas móveis, cuja a estrutura metálica é envolvida por um trançado das fibras da própria carnaúba. A escolha por esse fechamento possibilita uma maior abertura do espaço de leitura para a fachada norte do terreno, de frente para a praça constantemente usada pelas pessoas da comunidade. A proposta é a de que se possa estabelecer uma conexão visual maior entre esse espaço e o seu entorno, propiciando o convite à sua utilização, a partir da abertura dessas estruturas.

Na imagem abaixo é possível perceber como o espaço de leitura se abre ao convite dos possíveis usuários.

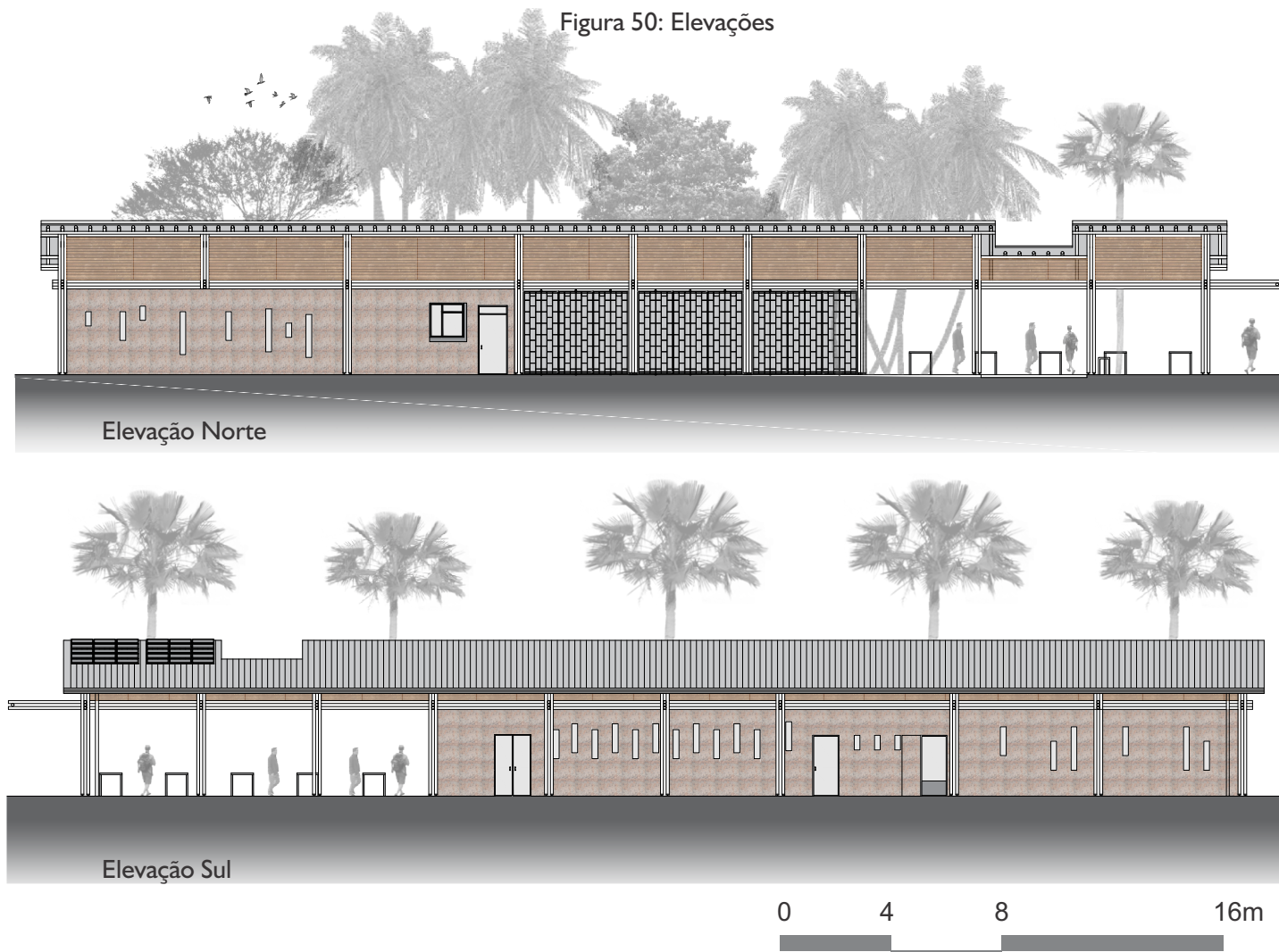
Figura 49: Vista da fachada frontal



Fonte: Acervo pessoal (2017)

As outras fachadas são um complemento à estética da própria edificação. A partir dos eixos criados pelos vãos gerados a partir das estruturas que mantêm a edificação de pé, as aberturas para os ambientes são criadas. À grande janela da cozinha, na fachada oeste, foi posicionado um balcão. Este colabora para realização de atividades no espaço aberto coberto, conectando os dois ambientes. A sala de leitura possui suas aberturas também voltadas para o espaço coberto, propiciando a utilização da área sombreada também para leitura.

Figura 50: Elevações

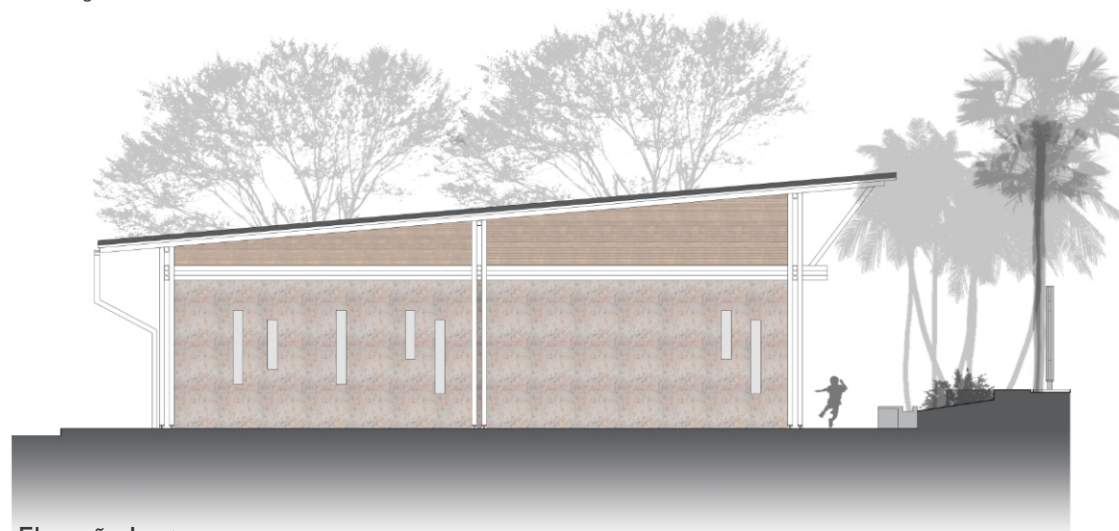


Fonte: Acervo pessoal (2017)

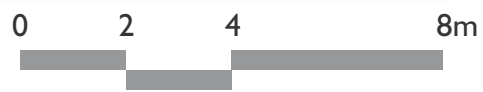
Figura 51: Elevações



Elevação Oeste



Elevação Leste



Fonte: Acervo pessoal (2017)

A ocupação dos ambientes é pensada de maneira simples, de acordo com sua utilização. Todos podem ser fechados quando não utilizados, com exceção do banheiro, que é aberto para o uso contínuo pelos usuários da comunidade. De uso acessível, duas cabines com sanitários são colocadas além de um banheiro para deficientes físicos, com aparato específico.

Nos desenhos técnicos seguintes é possível visualizar a utilização dos ambientes a partir dos cortes do projeto do edifício.

Figura 52: Corte Transversal

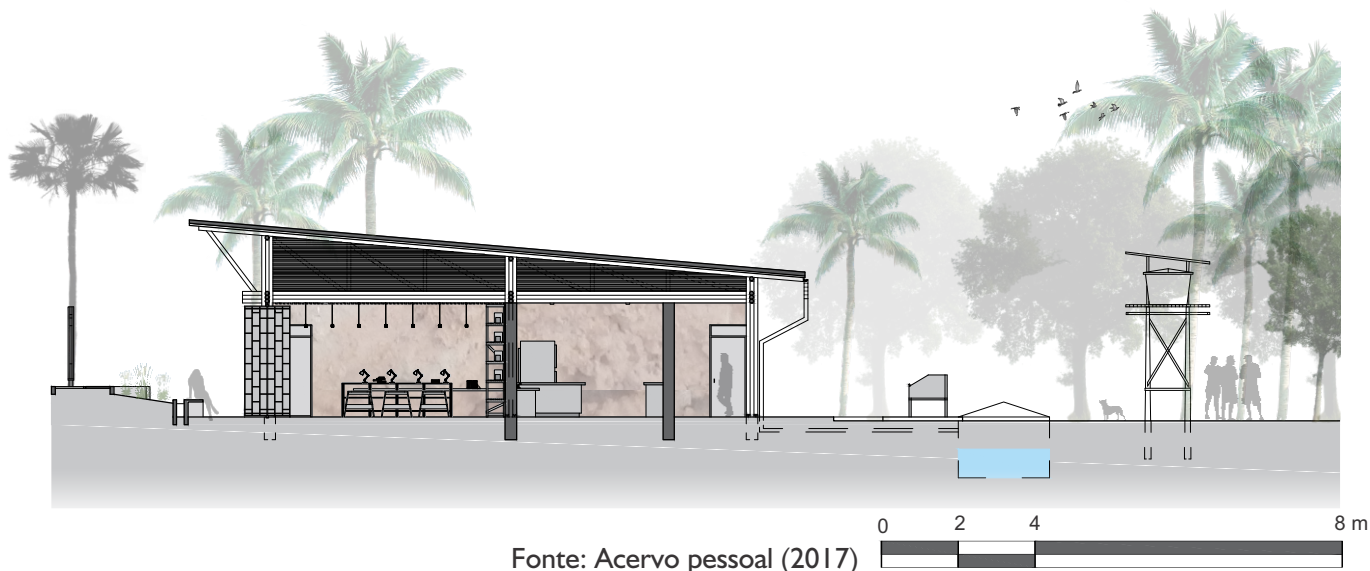


Figura 53: Corte Longitudinal

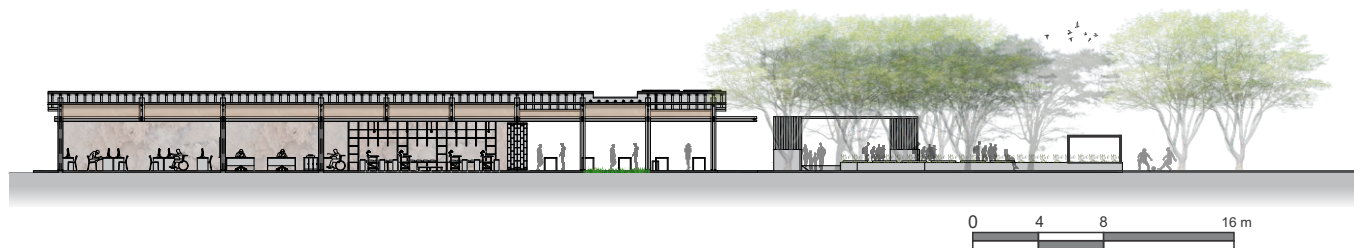
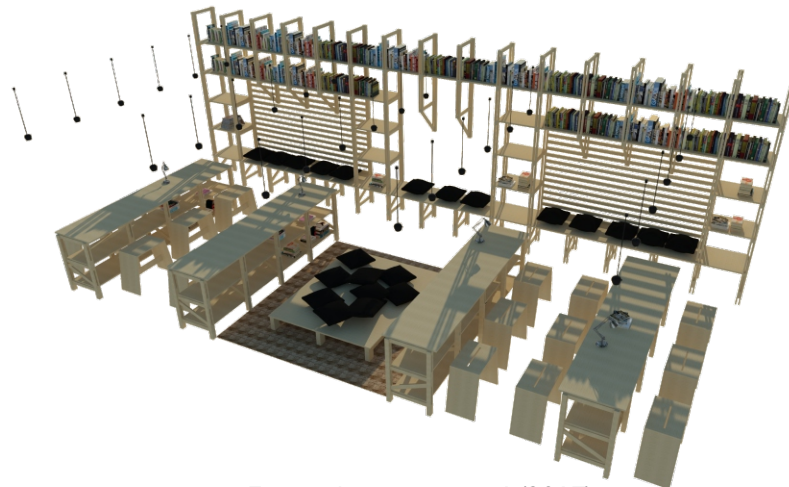


Figura 54: Vista interna, Biblioteca



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 55: Mobiliário, Biblioteca



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 56: Vista interna, Biblioteca



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Na área mais sombreada onde foram inseridas as árvores de médio e grande porte, na região central da intervenção projetual, é onde está localizado o palco de uso diversificado. Sua estrutura foi pensada também em bambu, além do bancos, que em concreto prendem o conjunto de bambus que propiciam o assento dos usuários. Na cobertura presente no palco, as peças em um grupo de oito bambus de cada lado dão suporte para os pequenos filetes da cobertura, delimitando a área de sua utilização. Os bambus laterais ao grupo de pilares possibilitam à estrutura uma amarração mais estável. Ao lado ainda foram inseridas duas árvores, reforçando o sombreamento e a utilização mais agradável deste espaço.

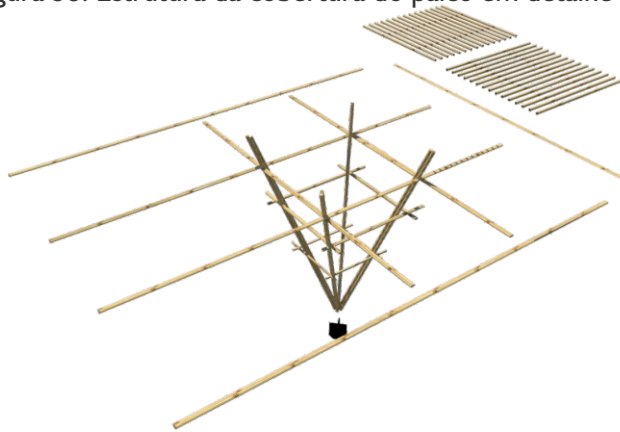
As hortas ficam no meio desse espaço, localizadas dentro de pequenas contenções feitas de terra. Em cima dessas contenções, foram colocados filetes de bambu agrupados, permitindo aos usuários a possibilidade de sentarem, rodeando as hortas, como pode ser visualizado na imagem.

Figura 57: Vista interna, Biblioteca



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 58: Estrutura da cobertura do palco em detalhe



Fonte: Acervo pessoal (2017)

O piso usado em grande parte nessa área foi o de concregrama. Este piso também possui uma característica mais sustentável, substituindo a utilização usual do cimento batido e possibilitando uma maior permeabilidade ao solo. A utilização da concregrama ainda gera um ambiente mais confortável, por não refletir tanto a radiação solar, principalmente nos intervalos de temperatura mais alta ao longo do dia. Ainda assim, para os espaços mais sombreados foi utilizado o cimento batido, assim como na própria edificação, criando um jogo e um desenho plural pela inserção de pisos diferentes. Os coqueiros ao meio da escadaria foram mantidos e não foram criados degraus nessa área, enquadrando-os na paisagem e ressaltando a beleza de estarem ali.

Figura 59: Setor 2, Hortas e espaços de vivência



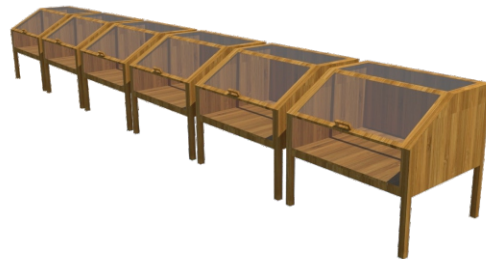
Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 60: Uso da área livre coberta



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 61: Estufas para secagem de algas



Fonte: Acervo pessoal (2017)

A quadra, situada no extremo oeste da intervenção cumpre a proposta já mencionada anteriormente para a utilização do espaço, para além da utilização para datas e celebrações específicas, estará presente para o uso das brincadeiras do dia-a-dia.

Figura 62: Quadra multiuso



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Para Merleau-Ponty, filósofo ligado ao estudo de fenomenologia em arquitetura, os espaços projetados e construídos vão para além da realidade física, adentrando de forma viva no imaginário das pessoas. Diz ele:

Quando o ser humano se depara com algo que se apresenta diante de sua consciência, primeiro nota e percebe esse objeto em total harmonia com a sua forma, a partir de sua consciência perceptiva. Após perceber o objeto, este entra em sua consciência e passa a ser um fenômeno. (MERLEAU-PONTY, 1960 p| 32).

Para além da sua representação física, a principal preocupação com a intervenção projetual proposta neste trabalho foi referente a relação entre o objeto e a comunidade. Guiando-se a partir da visualização da possibilidade de criar um espaço que possa acrescentar e fomentar de maneira construtiva e crítica ao dia-a-dia de uma população tão carente de recursos econômicos, mas que no modo de vida simples exalta sua cultura popular, lutando por suas raízes.

A pretensão, desde o início e ao decorrer de seu desenvolvimento, foi a de criar um lugar que se comportasse como um espaço-fenômeno, onde pudesse ser possível a existência de um imaginário de coletividade vivo, onde o social é o centro.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Ireleno Porto. O Turismo e seu planejamento governamental no Ceará. In Luzia Neide M. T. Coriolano (org). O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003, p-4
- BURSZTY, I.; BARTHOLO, R.; DELAMARO, M. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I (orgs). Turismo de Base Comunitária: diversidade olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- CASTORIADIS, C. Epilegômenos a uma teoria da alma que se pôde apresentar como ciência. In: As Encruzilhadas do Labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 31-69.
- DANTAS, E.W.C; SILVA, J.B da; DANTAS; ZANELLA, M.E; MEIRELES, A.J.A (org) Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro—Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005. p23
- Encontro com Milton Santos. O mundo global visto do lado de cá. Direção Silvio Tandler. 90 min. 2006, Acessado em julho de 2016
- HOGAN, Joseph D. Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995, p 7-73
- HOLL, Steven. Questões de percepção: fenomenologia da arquitetura. GG, 2011, Disponível < em <http://www.archdaily.com.br/br/01-18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>> Acessado em Março de 2016.
- INSTITUTO TERRAMAR. Projeto algas cultivando sustentabilidade, Instituto Terramar, 2013 p10, 12.
- ‘INSTITUTO TERRAMAR. Projeto algas - cultivando sustentabilidade. Intituto TERRAMAR, Fortaleza, 2009.

JARA, Carlos Julio. A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local. Brasília: IICA:Recife: Secretaria da Planejamento do estado de Pernambuco. SEPLAN, 1998. p 50-60

LIMA, Josuel. Turismo sustentável, alternativa de desenvolvimento local e conservação ambiental. Uma análise interdisciplinar do PRODETUR-ce. 2003. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Ceará. P 20-160.

MERLEAU-PONTY, M. (1984). O olho e o espírito (M. Chauí, Trad) Em Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural (Trabalho original publicado em 1960).

MERLEAU-PONTY, M. (1994). Fenomenologia da percepção (A. A. R. de Moura, Trad) São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1945).

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

Archdaily Brasil. Casa do artista no Senegal. Disponível em <
<http://www.archdaily.com.br/br/767885/residencia-do-novo-artista-em-senegal-toshiko-mori/54ffa562e58ece812900002a-diagram>> Acessado em Fevereiro de 2016.

TV Ceará. O Ceará visto de cima CE, 2015. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=i_VOCDTBkQk> Acessado em janeiro de 2016

Águeda Coelho. 2010. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/aguedacoelho/5152007791>
Acessado em maio de 2016.

Condomínio Jardins. Disponível em < <http://www.flecheiras.com.br/eventos>> Acessado em junho de 2016.

Condomínio ecoresidence. Disponível em < <http://www.site.diagonal.com.br/empreendimento/fleixeiras-eco-residence>> Acessado em junho de 2016.

